

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Relato de São Paulo Class.: 54

Data: 08/06/78

Pg.: _____

Índios se dispersam para FSP-8.6.78 não morrer de tuberculose

BELEM (Do Correspondente) — Dos 500 indígenas da tribo Wawanaviteri, que foram contratados pelos missionários salesianos entre 1925 e 1940, vivendo em regime tribal aos pés do Pico da neblina, às margens do rio Maia, no Amazônia, hoje, apenas 150 sobrevivem em estado de desnutrição, contagiados pela malária, pneumonia e tuberculose, segundo informou em Belém um militar da Aeronáutica (que pediu para não ser identificado), que participou no dia 24 de maio passado da Operação Misericórdia realizada pela FAB, composta também pelo bispo da cidade de Uaupes, um enfermeiro e um grupo de soldados do Exército.

Na fronteira Brasil-Venezuela, o que resta hoje da antiga tribo dos Wawanaviteri — que ao lados dos Masiribiweteri, antigamente chamados de Kohoexitori ou Aharaiibus, que se instalaram na foz do rio Maturaca, com cerca de 270 pessoas, formavam a nação dos Yanonami — vive em estágio que é primitivo por causa das numerosas cachoeiras que dificultam o acesso ao local onde está localizada a tribo, principalmente por via fluvial, quando na época das secas. Segundo o militar, a maioria dos índios têm dificuldade de locomoção devido ao estágio avançado de desnutrição agravado pela pneumonia e tuberculose mas que, mesmo assim, os 150 indígenas estão se dispersando pelas matas deixando atrás de si sua xanoba (reunião de várias palhoças de meia coberta, em círculo, com uma praça ao centro), onde viveram, pelo menos, durante os últimos 40 anos.

Segundo o militar, o contato com os índios foi possível depois que um helicóptero da FAB conseguiu pousar em uma clareira aberta pelos indígenas em plena mata. O primeiro encontro foi feito com apenas algumas famílias, já que o restante da tribo foi dividido em dois grupos logo após a morte do chefe, vitimado por uma pneumonia. Do grupo constatado, alguns índios que entendiam e falavam o português — uma reminiscência dos primeiros contatos, com os padres salesianos, entre 1925 e 45 informaram que o restante da tribo — informação confirmada pela missão salesiana de Maturaca — já ultrapassou a cordilheira do Pico da Neblina tendo, possivelmente, já penetrado em território venezuelano.

O grupo localizado foi socorrido pelos integrantes da missão sendo que 15 dos índios, em estado de saúde mais grave, foram transportados de helicóptero para o hospital de Uaupes e os demais foram medicados com vitaminas e antibióticos a base de injeções, pois os índios não aceitaram comprimidos.

OS PRIMEIROS CONTATOS

Os Wawanaviteri habitaram por muito tempo as margens do rio Maia, afluente da margem esquerda do rio Cauabori, que é afluente da margem esquerda do Rio Negro. Com a chegada dos primeiros missionários salesianos — calculada no início da década de 20 — a tribo era composta por 500 indígenas, que pertencem ao grupo linguístico Yanonami (o mesmo grupo dos índios

Masiribuwteri que hoje somam mais de 600 pessoas). Devido às dificuldades de acesso — as grandes cachoeiras que circundam o local — os Wawanaviteri emigraram do alto do rio Maia para a foz do mesmo rio onde construíram nova xanoba, roças e se dedicaram a lavoura, além da caça e da pesca.

Todavia, as dificuldades de acesso ainda se apresentavam, o que leva a supor o porquê dos missionários terem se dedicado mais aos Masiribiweteri. Entretanto, segundo o militar que relatou o último contato com os indígenas, tanto os primeiros como os segundos ainda possuem conhecimentos de "curas de doenças", construção de casas, fabricação de ferramentas básicas e confecção de roupas, ensinamentos que foram transmitidos pelos missionários.

Segundo relato feito pela missão salesiana de Maturaca, os Wawanaviteri e os Masiribiweteri eram tribos unidas — além de pertencerem ao mesmo grupo linguístico, tinham as mesmas leis que regiam a segurança das duas tribos, além de costumes e tradições idênticos, como a festa dos mortos (a leahumo), o ritual Kekura (a queima dos mortos depois de três dias enterrados e a distribuição das cinzas na comida dos membros da tribo), a poligamia e o fato de serem semi-nômades. Antes da chegada dos missionários, os Yanonami tinham uma economia de subsistência baseada na pesca, na caça, na coleta de frutas e uma espécie de plantação de bananas, batatas e milho branco. Os missionários introduziram a plantação de feijão, arroz, cana de açúcar além do uso de machados, enxadadas e outros utensílios na agricultura.

Enquanto os Masiribiweteri progrediam, os Wawanaviteri foram atingidos por uma série de epidemias — gripe, disenteria, quase todas originárias da água dos poços comumente usadas, comidas mal preparadas e frutos estragados. Segundo os missionários da Maturaca, o difícil acesso à tribo dos Wawanaviteri foi esparsando o contato entre missão e índios, o que fomentou, ainda mais, a dispersão e o estado de desnutrição dos indígenas já atacados por várias doenças.

AJUDA OFICIAL

O delegado da 2.ª Região da Funai, com sede em Belém, Carlos Amauri Mota Azevedo, informou ontem que a tribo dos Wawanaviteri receberá, "ainda esta semana", a ajuda de médicos, enfermeiros e vacinadores que estão levando "uma grande quantidade de roupas, alimentos e medicamentos". Segundo o delegado do órgão indigenista, o Ministério do Interior acionou a

Funai logo que ficou a par das informações divulgadas em Belém pela equipe da FAB que esteve com os índios a 24 de maio passado.

Segundo ainda Amauri Mota Azevedo, os Wawanaviteri são algum dos diversos grupos indígenas, que habitam a Amazônia, que ainda não foram contactados pela Funai. Segundo cálculos do órgão, a Amazônia possui hoje a maior população indígena de todo o continente sul-americano.